

DISCURSOS MIDIÁTICOS E CULTURA CONTEMPORÂNEA

Sonia Maria ALVAREZ

Universidade Braz Cubas; Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba
sonia.alvarez@uol.com.br

Rosália Maria Netto PRADOS

Universidade de Mogi das Cruzes; Universidade Braz Cubas
rosalia.prados@gmail.com

Resumo: Este artigo reflete sobre os discursos midiáticos contemporâneos, a partir das diferentes linguagens. Analisa a constituição da subjetividade, com base na Análise de Discurso, voltada a valores veiculados pela cultura contemporânea. A interpretação dos textos midiáticos, de acordo com as diferentes posições do sujeito, expõe o sujeito contemporâneo ao questionar sua identidade, antes vista como centrada, homogênea e completa. Os universos de discurso presentes em diferentes mídias, como propaganda e publicidade, evocam relações de interdiscursividade, com diferentes sistemas de valores.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; Discursos Midiáticos; Contemporaneidade; Identidade.

1. Introdução

Este artigo busca refletir sobre os discursos da mídia contemporânea que gravitam em torno das linguagens, tecnologias e cultura, para a compreensão das tensões sociais, segundo a análise do discurso. Nas diferentes práticas e situações de comunicação, diferentes discursos são produzidos e fazem parte de uma rede de significações construída pelos sujeitos, num determinado contexto cultural, espaço e tempo. É possível, portanto, reconstruir processos discursivos a fim de se refletir sobre interdiscursividade e cultura contemporânea a partir dessas relações de linguagem.

O sujeito interage com diferentes linguagens verbais, não-verbais e sincréticas, na contemporaneidade. Na constituição de sua subjetividade, o sujeito é atravessado por discursos, que são processos de produção de sentidos, manifestados por meio de tais linguagens e, nessa interação, constrói sua identidade numa determinada cultura.

Nas situações de comunicação são produzidos vários discursos sobre cidadania, igualdade de direitos, justiça social, democracia, vontade política etc, além dos discursos literários, não-literários e etno-literários, que fazem parte de uma rede de significações construída pelos sujeitos. No dizer de Pais (1984, p. 44), “um único e mesmo discurso pode pertencer simultaneamente a mais de um universo de discurso”, de modo que um discurso publicitário, por exemplo, pode estar inserido num universo de discurso feminino, científico ou educacional.

O estudo dos discursos possibilita uma nova perspectiva de análise da construção da subjetividade nos discursos da mídia, para uma reflexão sobre a cultura contemporânea. Atualmente, na sociedade brasileira evidenciam-se contradições que se acentuaram a partir da era tecnológica com seus avanços e com seu poder multiplicador, bem como a expansão da comunicação. E, dessa maneira, os discursos que caracterizam a rede de comunicação em que

se mantém o sujeito contemporâneo apresentam universos de discursos que refletem os sistemas de valores desse contexto.

2. Os Discursos Midiáticos e seus processos interpretativos

O trabalho com discursos midiáticos passa pelo eixo da interpretação que intervém na relação do sujeito com o mundo material e social, mesmo que ele não saiba. A interpretação sempre está presente (não há sentido sem interpretação), apesar de o sujeito acreditar que ele é a origem do sentido ao investir na literalidade e imaginar que só alguns sentidos estão sujeitos à interpretação e que outros seriam evidentes, próprios das linguagens literais. (ORLANDI, 1996)

Uma gama variada de textos produzidos enfoca a divisão do trabalho da interpretação, de acordo, com as diferentes posições dos sujeitos. Dentre eles, os textos de diferentes mídias que impõem “sua forma de gerenciamento dos gestos de interpretação” (ORLANDI, 1996, p. 96)

Os discursos midiáticos funcionam como portadores de verdades e o sujeito o qualifica como autoridade que dita as regras do jogo, com modelos a serem seguidos pelos diferentes sujeitos e pelos próprios organizadores desses textos midiáticos. Tais modelos estão interiorizados tanto por autores desses textos quanto por seus leitores (considerando as diferentes linguagens).

Os discursos midiáticos geram interpretações estabilizadas, em busca do literal, em oposição ao polissêmico. O gesto de interpretação se dá no lugar em que se tem a relação do sujeito com os discursos midiáticos, em que “os sujeitos têm de inserir seu dizer no repetível (interdiscurso/ memória discursiva) para que seja interpretável.” (ORLANDI, 1996, p. 48)

Tais discursos fazem parte da constituição do sujeito, pois pertencem à sua memória discursiva e passa a ser possível interpretá-los em diferentes textos, de diferentes mídias. Esse sujeito, por sua vez, é uma posição entre outras, que não lhe são acessíveis, mas que podem estar presentes na memória do dizer, no interdiscurso, na utilização de outros textos midiáticos. O sujeito historicamente constituído retoma, em princípio, diferentes visões dos discursos midiáticos, sem que tenha consciência disso.

As condições de produção específicas que regem a interpretação são as que são apreendidas do momento histórico-social em que seu uso se situa, daí sua imagem de novidade, de efeitos criativos, que se prestam a persuadir o leitor ao consumo de determinados produtos ou ideias. De qualquer forma, tal sentido é atravessado pelo seu valor para antigas gerações e sua volta se impõe, com seu discurso homogeneizante.

Esse é o contexto imediato dos textos midiáticos, que veicula sistemas de valores da cultura contemporânea. De qualquer forma, a sua aceitação atual e sua quase dominância relaciona-se com a tradição e seu valor cultural, ao ser retomado pelo produtor de tais textos.

A interpretação dos textos midiáticos expõe o sujeito contemporâneo e a constituição de sua identidade que é vista como racional, inteira e centrada, mas hoje cede lugar a processos identificatórios, com base nas teorias que questionam a identidade vista tradicionalmente, dada a complexidade do mundo contemporâneo. A ilusão de centramento não condiz com a cultura e os discursos midiáticos hoje.

Para Woodward, a identidade é relacional, marcada pela diferença e suas contradições precisam ser negociadas, quer em termos sociais, quer em termos individuais e a cultura e a mídia têm moldado a identidade do sujeito. “Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados” (WOODWARD, 2000, p.19).

A identidade deve ser avaliada no interior de mudanças sócio-político-econômicas que, na contemporaneidade, mostra a derrocada de velhas aspirações, condutas e tais mudanças pedem diferentes formas de posicionamento frente ao problema. A legitimação de uma suposta identidade tem por referência um possível passado, idealizado e valorizado, inda que pareça fortemente real para todos, na contemporaneidade.

É preciso pensar/avaliar o sujeito em sua nova posição na atualidade com a identidade deslocada, ou descentrada, em relação a seu paradigma tradicional, como um processo nunca completado. As identidades estão sujeitas ao processo histórico, em constante processo de mudança e transformação, assim como as diferentes linguagens e a cultura.

3. Reflexões Teóricas sobre Linguagens e Cultura

A transmissão, conservação, transformação e aprendizagem da cultura realizam-se através das “práticas sociais” que, por sua vez, organizam-se segundo sistemas de signos e processos discursivos. Segundo Pais (1997), saber e significação articulam-se no processo de produção discursiva refletindo o sistema de valores de uma comunidade.

Pais (1997) afirma que os sistemas que integram o complexo linguístico-sócio-cultural de determinada comunidade só funcionam caso se conservem para assegurar a intercompreensão dos sujeitos e se modifiquem para responder às novas necessidades de comunicação, por isso são atos de re-criação.

Os sistemas e discursos são historicamente determinados e geograficamente delimitados, pois a visão de mundo de uma comunidade sociocultural e linguística, bem como sua ideologia e sistema de valores, acha-se sempre em processo de (re)formulação e em constante processo de vir a ser que, paradoxalmente, transmite a seus membros o sentido de estabilidade e continuidade.

Numa cultura, os discursos constituem redes de significação e estão inseridos num processo dinâmico; por exemplo, um signo pode ser motivado por um determinado fato social, numa determinada época e espaço, e produzir sentidos únicos nesse determinado contexto. Isso também explica por que um discurso pode ser aceito e é reforçado pelos meios de comunicação, por exemplo, os discursos da inclusão educacional no atual contexto e, a partir deste, o renascimento de uma obra literária, que pode possibilitar outras leituras e pesquisas ou estudos e tornar-se significativa ou sedutora depois de muitos anos, ou seja, poderia ser dito que, depois da (trans)formação do mundo pelos discursos.

4. Alguns Discursos da Mídia da Cultura Contemporânea

A cultura contemporânea apresenta diferentes discursos manifestados de acordo com processos discursivos presentes na mídia. Os universos de discurso presentes na publicidade e propaganda, por exemplo, manifestam processos discursivos e sistemas de valores por meio de diferentes textos, campanhas, como por exemplo, a da prevenção de doenças, os discursos da saúde pública, dentre outros.

Esses últimos são discursos institucionalizados, ou governamentais, como, por exemplo, o da prevenção da Aids, numa determinada época, no período pré-carnavalesco, ou ainda, o da educação do trânsito, antes das férias ou feriados, ou ainda, das campanhas anti-fumo.

Na leitura dessas campanhas anti-fumo, é possível descrever os processos discursivos, lembrando sempre a questão da interpretação que não é neutra e, sim, historicamente constituída, conforme as diferentes formações discursivas. No discurso veiculado numa

campanha anti-fumo, numa etapa profunda do processo discursivo, há uma tensão dialética entre as modalidades querer-ser / querer-fazer e dever-ser / dever-fazer.

De acordo com essa descrição, na análise do processo discursivo, ou seja, do percurso do sentido, essas modalidades combinam-se às respectivas modalidades contraditórias, não-querer-ser / não-querer-fazer e não-dever-ser / não-dever-fazer e geram, de um lado, a Arrogância e, de outro, a Submissão.

No caso das campanhas de prevenção de doenças, ou contra o fumo, o discurso de uma educação não-formal mantém relações de interdiscursividade com o universo de discurso da vontade política, pois numa comunidade em que se veicula um discurso anti-fumo vinculado a um outro de prevenção de doenças respiratórias, ou cárdio-respiratórias, há uma determinação político-social.

Existe, portanto, uma intencionalidade educacional que, reconhecidamente, está no discursos da vontade política. Sobre a campanha anti-fumo no estado de São Paulo, por exemplo, uma vez que foi promulgada a lei que proíbe o fumo em locais públicos fechados, apresenta-se a relação interdiscursiva também com o universo de discurso jurídico.

É possível verificar outro discurso, aquele de graus de liberdade, na descrição de valores subjacentes aos discursos da mídia sobre o cigarro, principalmente, no enunciado sobre a advertência do Ministério da Saúde.

Em São Paulo, pode-se observar a diminuição da publicidade de cigarros na mídia televisiva, pois a partir de uma vontade política (poder-fazer-querer), instauram-se as modalidades do poder-fazer-dever, da ordem da obediência à Lei. Essa obediência à lei cria o retorno a um mesmo espaço do dizer, ao tentar excluir interpretações outras que constituem a memória discursiva do sujeito. Volta-se a uma visão da identidade como centrada, voltada a aspectos racionais e homogêneos, o que impede, em princípio, uma leitura polissêmica, com outros eixos interpretativos, não condizentes com a cultura contemporânea.

5. Considerações Finais

Com as considerações acima foi possível detectar relações entre ‘forças em jogo’ no âmbito da cultura contemporânea e de seus discursos midiáticos. Para o estudo de alguns valores no âmbito sociocultural, de acordo com a lógica das modalidades discursivas há a revelação de valores voltados ao consumo e ao convívio, ao poder-fazer-querer que se opõe ao poder-fazer-não querer, respectivamente, dos universos de discurso da Adaptabilidade, da Vontade Política e da Lei, voltados às leituras de textos da mídia, na cultura contemporânea.

Há um confronto de uma multiplicidade desconcertante e mutável de identidades possíveis, caracterizando o sujeito descentrado, cindido e clivado por diferentes formações discursivas. As identidades que compunham as paisagens sociais e que asseguravam a conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura estão entrando em colapso, como resultado de mudanças institucionais e estruturais.

O sujeito contemporâneo não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, o que não se verifica no exemplo trabalhado, que impõe uma visão dita real, literal, verdadeira, legal e convincente a respeito do fumo e de seu uso nos dias atuais. A ordem se impõe, com o politicamente correto e permitido pela lei e pelos próprios discursos midiáticos.

Nega-se, portanto, a identidade enquanto celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os sujeitos são interpelados nos sistemas culturais ao seu redor, em especial, nos discursos midiáticos contemporâneos. Para tanto, o eixo da interpretação do texto deveria percorrer caminhos outros, voltados a uma leitura polissêmica que compõe as diferentes linguagens, os diferentes discursos midiáticos na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

PAIS C. T. Conceptualização, Denominação, Designação: relações. In: **Revista Brasileira de Lingüística**. Vol. 9. São Paulo: Plêiade, 1997.

_____. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. In: **Revista Brasileira de Lingüística**. v.7. Global. São Paulo, 1984.

_____. **Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive**. Thèse de Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humaines. Paris, Université de Paris-Sorbonne/Lille, Atelier National de Reproduction des Thèses, 1993.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (org). **Identidade e Diferença. A Perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: editora Vozes, 2000.